







# ***Baía de Todos os Santos, de todos os orixás e de todos nós***

*Sylvio Bandeira de Mello e Silva*

Escrever sobre o tema Baía de Todos os Santos provoca em mim, inicialmente, uma reflexão sobre a globalização em nossos dias e seus importantes reflexos regionais e locais. Com efeito, a descoberta da Baía de Todos os Santos, em 1501, tem sido associada, com justa razão, à primeira fase do que se convencionou chamar hoje de globalização. É preciso avaliar o que tem acontecido e promover mudanças a curto e médio prazos.

A globalização nas últimas décadas está conseguindo unir todas as escalas do espaço geográfico, o lugar, a região, a nação e a macrorregião, em uma complexa realidade, a de um mundo só. A globalização também está integrando todas as escalas de tempo, que passam assim a ser um tempo só, o tempo mundial que acontece no espaço global.

Esta integração vem se dando de múltiplas e densas redes econômico-financeiras, políticas e socioculturais. Isto tem sido assegurado pela crescente capacidade de determinados lugares em gerir complexas estruturas em rede, em um sistema global e competitivo. São as metrópoles, com destaque para as chamadas cidades globais, muitas delas, por sinal, situadas em áreas de grandes baías, ou em complexos fluviomarinhos, o que tem favorecido, em ambos os casos, o desenvolvimento de importantes atividades portuárias.

Por outro lado, no plano interno, as metrópoles deparam-se, em todo o mundo, com a crescente demanda por melhores condições de vida, envolvendo questões de renda, emprego, uso do solo, habitação, meio ambiente, transporte, saúde, educação, lazer, segurança etc.

Desta forma, novos e complexos desafios estão sendo colocados unindo um dinâmico, mas flexível, competitivo e inovador plano externo a um quadro urbano-regional que chamo de plano interno em crescimento, também mais complexo e que deve estar consciente de suas questões.

A saída tem sido repensar profundamente e revalorizar o planejamento urbano e regional estrategicamente aberto e socialmente participativo, capaz de captar a direção e a magnitude das mudanças globais e de fortalecer a capacidade organizacional da cidade e da região, envolvendo a criação de um integrado processo decisório mais autônomo e criativo, a busca efetiva de solução de problemas urbanos e regionais, o incremento do potencial organizacional, a definição social do progresso e a defesa e a conservação do meio ambiente. É o que se poderia chamar de territorialidade, ou seja, a afirmação de relações sociais, sobre um determinado território, que possam valorizar a identidade dada pelo patrimônio natural e cultural e que possam construir um projeto de interesse comum.

É nesse contexto geral que situo nossa Baía de Todos os Santos e seu futuro.

Pensar hoje sobre nossa baía exige também que se façam comparações sobre outras experiências históricas em diferentes contextos geográficos.

Proponho, rapidamente, fazer uma comparação com a Baía de Chesapeake, nos Estados Unidos. Lá têm surgido formas inovadoras de territorialidade, valorizando os recursos naturais e culturais. Basta dizer que só a navegação de lazer em Maryland, na Baía de Chesapeake/Estados Unidos, movimentou algo próximo a um bilhão de dólares/ano. Com efeito, toda essa imensa baía que envolve vários estados americanos tem sido alvo de muitas iniciativas locais e regionais de revitalização e desenvolvimento, com destaque para o papel do turismo, recreação e lazer.

David Harvey, conhecido geógrafo radicado na área durante muito tempo, por exemplo, em vários de seus trabalhos, refere-se aos esforços de reconversão urbana de Baltimore, situada na Baía de Chesapeake, sobretudo de sua antiga área portuária, cujo exemplo, bem-sucedido, em termos gerais, certamente o ajudou a formular o conceito de governança urbana, qual seja, o de uma crescente e generalizada capacidade organizacional no meio urbano em gerir seu espaço visando o futuro através de programas e projetos de interesse geral. Isto acontece em várias outras cidades da região que tiveram que buscar alternativas para as crises em suas bases econômicas e sociais, especialmente motivadas pela saída ou redução do tamanho de empresas (ou até fechamento) para outras regiões mais dinâmicas do País. Como exemplo de *downsizing*, a *Bethlehem Steel* costumava empregar 30.000 trabalhadores, hoje produz a mesma quantidade de aço com menos de 5.000 funcionários.

Acrescento que desde 1983 existe na área o *The Chesapeake Bay Program* – o Programa para a Baía de Chesapeake, que é um importante exemplo de programa ambiental regional que precisa ser melhor conhecido entre nós. É um bom *case* de parceria, na escala regional, unindo o público e o privado visando promover a recuperação da baía. Envolve três Estados da União (Maryland, a sede, Virginia, Pennsylvania e o Distrito de Colúmbia, com a capital Washington), o Governo Federal, numerosos governos locais e instituições universitárias e de pesquisa, além de um grande número de organizações privadas e não-governamentais.

Os resultados têm sido altamente positivos, destacando-se os seguintes pontos:

- a) melhoria da qualidade água;
- b) melhoria dos indicadores de vida aquática;
- c) melhoria dos indicadores de qualidade de vida humana e de desenvolvimento, incluindo a gestão mais eficiente do uso do solo, mesmo com o crescimento das atividades de turismo, recreação e lazer na baía sem comprometimento do meio ambiente;
- d) ampliação significativa da informação pública, da educação ambiental e da participação social resultando no crescimento do apego público ao meio ambiente (*topofilia*, como diria o geógrafo sino-americano Yi-Fu-Tuan).

Assim, esse Programa tem permitido uma relevante conciliação entre o crescimento das atividades econômicas e o meio ambiente na Baía de Chesapeake. O

papel da pesquisa científica tem sido fundamental. A título de informação o *site* do Programa da Baía de Chesapeake é: *chesapeake.org*.

É preciso considerar, entre nós, que, surpreendentemente, não é grande a produção acadêmica sobre a Baía de Todos os Santos, sobretudo na área das Ciências Humanas e Sociais. Ela é bem maior na área das Ciências Biológicas e Naturais. No campo da Geologia Marinha, por exemplo, um importante grupo da UFBA, reunido no Laboratório de Estudos Costeiros do Instituto de Geociências, trabalha há mais de 30 anos sobre a Baía de Todos os Santos, com extensa produção científica, inclusive no Exterior, e formação de mestres e doutores na área. Um excelente CD-ROM sobre a história natural da Baía de Todos os Santos acaba de ser produzido e apresentado pelo Prof. Dr. José Maria Landim Domingues, do referido Laboratório, no V Congresso de História da Bahia, promovido pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (4-10/11/2001). No mesmo Congresso, importantes contribuições no campo da História Econômica, da Economia Regional e da Geografia Social foram apresentadas por Waldyr Freitas de Oliveira, Fernando Cardoso Pedrão e Pedro de Almeida Vasconcelos.

Ainda na área de Ciências Humanas e Sociais, os trabalhos publicados são mais numerosos, especificamente, sobre a cidade do Salvador e sobre o Recôncavo como um todo. É preciso, portanto, ampliar, de forma sistemática, a produção científica sobre a Baía de Todos os Santos, integrada evidentemente à cidade do Salvador e ao Recôncavo e às questões ambientais. Uma muito boa e recente exceção foi a dissertação de mestrado defendida no Mestrado em Análise Regional, da Universidade Salvador (Unifacs), por Lidia Maria Leal Santana, sobre o *Lazer Náutico na Baía de Todos os Santos, uma perspectiva de valorização sócio-ambiental e de promoção regional*, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Cardoso Pedrão, em vias de publicação.

Outra boa exceção, agora na área da divulgação geral, é a publicação *Baía de Todos os Santos*, na Coleção de Roteiros Ecoturísticos da Bahia, editada no ano passado pela Superintendência de Desenvolvimento Turístico (Sudetur) da Secretaria de Cultura e Turismo, contendo um belo mapa de roteiros ecoturísticos. Entretanto, o Guia Frommer's sobre Salvador (1998) refere-se à Baía de Todos os Santos em poucas linhas e não a inclui em seus roteiros, a não ser na visita a Itaparica. Por sinal, os passeios existentes ainda são até hoje basicamente três: Ilha de Maré, Ilha dos Frades e Itaparica. É muito pouco!

Agora, no momento em que cresce o interesse pelas atividades de lazer náutico (com regatas internacionais), turismo, esportes e recreação na Baía de Todos os Santos é preciso repensá-la. O perigo é que as novas atividades apareçam apenas como um enclave de luxo, tendo, por conseguinte, pequeno efeito multiplicador.

Desta forma, é preciso responder a uma pergunta básica quando se pensa na Baía de Todos os Santos, hoje em seus 500 anos e em seu futuro:

– há ou não há condições efetivas para que se consiga implementar regionalmente, em um ambiente globalmente competitivo, uma capacidade organizacional

territorial em torno de um projeto capaz de alavancar, de forma eficiente e equilibrada, o desenvolvimento regional com inclusão social e ambientalmente sustentável?

Em outras palavras, como integrar de forma positiva a *Natureza, a História e a Sociedade* em um projeto de desenvolvimento inovador, aberto e participativo? O fato é que, retirando a grande importância histórica do Porto de Salvador para o desenvolvimento da cidade e da região, em suas diferentes fases, e o atual projeto da Via Náutica, bem analisado por Lidia Santana, há fortes indicadores que não se tem dado muita importância ao papel estruturante da Baía de Todos os Santos no novo contexto econômico-social colocado pela globalização. A Baía, para muitos, é, sobretudo, uma área somente associada aos portos industriais da região metropolitana, com todos os problemas que isto acarreta, e uma área de assentamento de populações muito pobres da cidade de Salvador e do Recôncavo, como resultados dos mecanismos de exclusão social. Por conseguinte, ela tem sido pouco valorizada em nosso meio visando sua plena integração aos processos de mudança da cidade e da região. A era dos saveiros já passou há várias décadas, com o predomínio dos transportes rodoviários e do *ferry boat*, e Itaparica, outrora uma importante estância de veraneio não conseguiu se sustentar com a concorrência das novas áreas de turismo, recreação e lazer abertas ao norte de Salvador, ao longo da Estrada do Coco e da Linha Verde. Também até hoje, não obstante a existência de vários projetos, não se conseguiu implementar a renovação urbana de parte da antiga área portuária de Salvador, de grande importância para a dinamização de todo o bairro do Comércio, hoje em fase de decadência.

É preciso, portanto, reverter esse quadro, unindo um sólido processo de desenvolvimento de estudos e pesquisas, com a montagem de um sistema de informações georeferenciadas sobre diferentes setores e em escalas diversas, instituir novos e abrangentes mecanismos de planejamento urbano-regional e projetar formas inovadoras de participação e de gestão territorial, compatíveis com os desafios da globalização. Em outras palavras, é necessário que haja um crescente enraizamento (territorialização) das ações ao lado de um dinâmico enredamento (globalização) processual das atividades. É a ideia de se construir um sólido e estratégico conceito de cidade-região para Salvador e a Baía de Todos os Santos, talvez recuperando, sob novas bases, a experiência do Conselho de Desenvolvimento do Recôncavo, do início dos anos 70 do século passado. Tenho a convicção de que um projeto centrado na potencialidade da integração territorial entre Salvador e a Baía de Todos os Santos, na forma como foi acima esboçada, tem condições de exercer um papel efetivo de transformação econômico-social com equidade. Todos os Santos e Todos os Orixás certamente são favoráveis. Só falta a nossa participação, com muita coesão e solidariedade.

Concluindo, é preciso lembrar Costa Pinto (1958, p.1):

Chama-se Recôncavo, a região que circunda a Bahia de Todos os Santos, formando o grande anfiteatro no qual, há mais de quatrocentos anos, se vem desenrolando um dos mais antigos capítulos da colonização do Brasil, que ali tem, hoje, uma das perspectivas mais promissoras do seu futuro.

A Natureza soube construir muito bem a bela Baía de Todos os Santos, é preciso agora que os homens saibam construir uma região mais humana, portanto, mais coesa e solidária, na Baía de Todos os Santos.

## ***Referência***

PINTO, L. A. Costa. *Recôncavo*: laboratório de uma experiência humana. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1958.